

Uma casa no  
fundo de um lago





# Uma casa no fundo de um lago

Tradução de  
Fabiana Colasanti

inrinsca

Copyright © Josh Malerman 2016

TÍTULO ORIGINAL

A House at the Bottom of a Lake

REVISÃO

Raphani Margiotta

Beatriz D'Oliveira

DIAGRAMAÇÃO

Carolina Araújo | Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGEM DAS ABERTURAS DE CAPÍTULO

Freepik

DESIGN DE CAPA

Pye Parr

ADAPTAÇÃO

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

M213c

Malerman, Josh, 1975-

Uma casa no fundo de um lago / Josh Malerman; tradução Fabiana Colasanti. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.  
160 p.; 21 cm.

Tradução de: A House at the Bottom of a Lake  
ISBN 978-85-510-0385-5

1. Ficção americana. I. Colasanti, Fabiana. II. Título.

18-49908

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

---

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para a maluquice dos namoros.*  
*Para o coração de uma casa dos horrores em chamas.*  
*Para Allison.*



# 1

*É o melhor primeiro encontro de que já ouvi falar.*

Amelia deu um grande sorriso e assentiu.

— Sim? — disse James, sem ter certeza se havia entendido direito.

*Como posso dizer não?*

— Como posso dizer não? Andar de canoa com um desconhecido? Sim. Eu adoraria.

Ambos com dezessete anos. Ambos com medo. Mas ambos dizendo sim.

James passou as mãos suadas pelo cabelo castanho e depois as enxugou no avental. Não era a primeira vez que ele a via na loja do seu pai. Era a quarta.

— Meu nome é Amelia — falou ela, imaginando se ele já sabia disso, se ele a havia procurado na internet.

— James — disse ele, e sorriu também. — E, nossa, eu estava muito nervoso para chamar você para sair.

— Sério? — perguntou ela com sinceridade, mas sabia que era verdade. A agitação o entregava. Mas ela também estava ansiosa. — Por quê?

James deu uma risadinha, constrangido.

— Você sabe... menino, menina... as pessoas se conhecem... sei lá! É assustador!

Amelia riu. Era bom ter um garoto chamando-a para sair. Caramba, era ótimo. Quanto tempo fazia desde que ela saíra

com um garoto? E ainda mais no comecinho do verão... parecia natural.

Um novo dia.

Uma nova estação.

E sim para um desconhecido que a convidara para andar de canoa no primeiro encontro.

— Então, a ideia é a seguinte — falou James, olhando por cima do ombro à procura do pai. — Meu tio tem uma casa no lago...

— Aham, você disse isso.

— É, mas tem um *segundo* lago, saindo do primeiro, que *ninguém* frequenta. Quer dizer... algumas pessoas, sim, mas não vai ter, tipo, milhares de lanchas. Vamos poder remar até a margem, até a base das montanhas. E elas vão ser praticamente só nossas. As montanhas.

— Parece ótimo — disse Amelia, enfiando os polegares nos passadores do short jeans.

Ela arqueou as costas cobertas por uma regata amarela. Ficou receosa de os seios estarem parecendo muito grandes, então se curvou. Aí se preocupou por estar curvada.

James sentia-se ainda mais inseguro do que ela. Como estavam na loja de ferragens do pai dele, tinha certeza de que Amelia começaria a pensar duas vezes se ficasse tempo demais ali. *Este é o futuro dele?*, ela poderia cogitar. Certa vez uma garota lhe dissera isso. Perguntara se aquele era o futuro dele. James não queria que Amelia indagasse a mesma coisa. Não queria que ela fosse embora. Se ela estivesse pensando mais ou menos a mesma coisa que ele, Amelia já estaria visualizando os dois juntos no futuro, uma vida se desenrolando feito um tapete a partir do primeiro encontro. Ele imaginou os dois rindo no primeiro lago, beijando-se no segundo, casando-se em uma canoa, Amelia dando à luz em uma canoa...

— Sábado, então — falou ela, e por um segundo de loucura James achou que ela estava dizendo que deviam se casar no sábado.

Suas bochechas coraram. Ele tinha plena noção disso. Das suas bochechas. E então do seu corpo inteiro. De repente, preocupou-se por não malhar muito. Preocupou-se que ela fosse sair dali pensando na pança debaixo do seu avental e não nas montanhas com as quais ele havia tentado distraí-la.

E, ainda assim, ele conseguiu sorrir. Até encontrou alguma confiança na voz.

— Sim, sábado. Às nove da manhã. Nos encontramos aqui?

— Aqui?

Ela olhou de um lado para outro do corredor de mangueiras de borracha, braçadeiras e parafusos. Talvez fosse nesse momento que ela enfim perceberia o alcance da situação, o emprego que ele tinha, o futuro que o aguardava.

— A não ser que você prefira em outro lugar. Não me importo.

— Não, não — disse Amelia, tentando parecer casual enquanto se preocupava por ter ficado subitamente indecisa na frente dele. — Aqui está bom. Aqui está ótimo. Sábado. Às nove.

James esticou a mão para um cumprimento e percebeu que isso era constrangedor.

*Aqui está ótimo.*

Ele recolheu a mão no instante em que Amelia esticou a dela. Por isso ela também baixou a mão.

— Ótimo.

— Ótimo.

Ficaram olhando um para o outro, nenhum dos dois sabendo como encerrar aquela primeira conversa. Uma versão instrumental de uma canção de amor dos anos 1980 tocava nas caixas de som igualmente arcaicas da loja. Ambos sentiram a cafonice.

— Tchau — falou James, voltando às pressas pelo corredor.

Quase derrubou uma caixa de holofotes de jardim da prateleira. Não olhou de volta para Amelia enquanto a colocava no lugar. Em vez disso, afastou-se para falar com um cliente, qual-

quer um que parecesse estar precisando de ajuda. Mas, quando se afastou o suficiente, ele desejou *ter* olhado para trás.

Só queria ver o rosto dela mais uma vez.

*Sábado, pensou. Você vai vê-la de novo.*

Lá fora, andando depressa em direção ao carro, Amelia re-passou o convite de James. Tinha adorado.

*É o melhor primeiro encontro de que já ouvi falar.*

E nada mal James ter olhos gentis. Um rosto e uma voz gentis também.

Só quando estava atrás do volante do seu Omni amarelo usado foi que Amelia se deu conta de que não havia comprado o que fora à loja comprar: uma mangueira nova.

Pensou em entrar de novo.

*Não, decidiu. Talvez você tenha vindo aqui para arranjar um encontro.*

Ela ligou o carro.